

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Vinícius Almeida Reis

**O DESEMBARQUE DA TROPA ALIADA NA NORMANDIA (DIA D)
A INEFICIÊNCIA DA ALEMANHA NAZISTA EM DEFENDER A
NORMANDIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Resende

2019

Vinícius Almeida Reis

**O DESEMBARQUE DA TROPA ALIADA NA NORMANDIA (DIA D)
A INEFICIÊNCIA DA ALEMANHA NAZISTA EM DEFENDER A NORMANDIA
DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Carlos Roberto Peres

Resende

2019

Vinicius Almeida Reis

**O DESEMBARQUE DA TROPA ALIADA NA NORMANDIA (DIA D)
A INEFICIÊNCIA DA ALEMANHA NAZISTA EM DEFENDER A NORMANDIA
DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ___ de _____ de 2019

Banca examinadora:

Carlos Roberto Peres – Cel Refm Eng
(Presidente, orientador)

Carlos Augusto Pascaretta Rocha – Cap
(Avaliador)

Marcio Souza de Pinho - Maj
(Avaliador)

Resende

2019

AGRADECIMENTOS

Sou grato, primeiramente, a minha mãe Valdete Cecília de Almeida Reis e meu pai Emílio Eustáquio Silveira dos Reis pelo apoio prestado durante os cinco anos de formação.

Agradeço por ter saúde e forças para conseguir realizar este último desafio para concluir a formação na Academia Militar das Agulhas Negras

Aos companheiros de turma do Curso de Artilharia que por esses anos estiveram presentes nos momentos de dificuldade e alegria.

RESUMO

O DESEMBARQUE DA TROPA ALIADA NA NORMANDIA (DIA D) A INEFICIÊNCIA DA ALEMANHA NAZISTA EM DEFENDER A NORMANDIA

AUTOR: VINÍCIUS ALMEIDA REIS

ORIENTADOR: CARLOS ROBERTO PERES - CEL REFM ENG

Este trabalho visa identificar as falhas defensivas da Alemanha Nazista no desembarque aliado na Normandia durante a Segunda Guerra Mundial.

A partir do Dia D se iniciou mais uma frente de batalha para Hitler, que com as medidas corretas poderia ter rechaçado o ataque aliado. Com isso se faz necessário descobrir os motivos que levaram ao fracasso defensivo, que caso não ocorressem, poderiam ter mudado o curso da história. Primeiramente serão analisados os motivos que levaram Exército Nazista ao fracasso defensivo no dia 6 de junho de 1944. Portanto foram elencados conflitos e batalhas que influenciaram no desgaste das tropas e recursos da Alemanha.

Em seguida serão destacados os principais beligerantes do desembarque tendo foco nas características de cada exército e na estratégia defensiva nazista no Atlântico. Também será ressaltado as operações de blefe e a resistência na França que colaboraram para o sucesso aliado.

Por último será analisado o desembarque aliado nas cinco praias, bem como a ação prévia da tropa paraquedista. Seguindo esta ordem, desde o desgaste do Exército Nazista, a preparação defensiva, as tropas componentes do conflito e o decorrer do desembarque, será possível apontar as falhas que foram cometidas na frente do Atlântico, especificamente na Normandia.

Palavras-chave: Desembarque aliado. Dia D. Normandia.

ABSTRACT

THE LANDING OF ALLIED TROOPS IN NORMANDIA (D DAY) THE INEFFICIENCY OF NAZI GERMANY TO DEFEND NORMANDY

AUTHOR: VINÍCIUS ALMEIDA REIS

ADVISOR: CARLOS ROBERTO PERES - CEL REFM ENG

This work aims to identify the defensive failures of Nazi Germany in the allied landing in Normandy during World War II.

From D Day another battle front for Hitler began, that with the correct measures could have rejected the allied attack. With this it is necessary to discover the reasons that led to the defensive failure, which, if they did not occur, could have changed the course of history. Firstly, the reasons that led the Nazi Army to the defensive failure on June 6, 1944, were analyzed. Therefore, conflicts and battles were listed which influenced the wearing down of German troops and resources.

Next will be highlighted the main belligerents of the landing focusing on the characteristics of each army and the Nazi defensive strategy in the Atlantic. It will also highlight the bluff operations and the resistance in France that collaborated for the allied success.

Finally will be analyzed the allied landing on the five beaches, as well as the previous action of the parachute troop. Following this order, from the weariness of the Nazi Army, to the defensive preparation, to the component troops of the conflict and to the course of the landing, it will be possible to point out the flaws that were committed in front of the Atlantic, specifically in Normandy.

Keywords: Ally landing. D Day. Normandy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Muralha do Atlântico.....	16
Figura 2 – Setores do ataque aliado na Normandia.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos intermediários.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 O DESGASTE DO EXÉRCITO ALEMÃO.....	12
2.1.1 Stalingrado.....	12
2.1.2 Afrika Korps.....	13
2.1.3 A Batalha de Kursk.....	13
2.1.4 A campanha na Itália.....	14
2.2 OS BELIGERANTES NO DIA D.....	14
2.2.1 Defesas Alemãs.....	14
2.3 TROPAS ALIADAS NO DIA D.....	17
2.3.1 O Exército Americano.....	17
2.3.2 Exército Britânico.....	18
2.4 A RESISTÊNCIA NA FRANÇA.....	19
2.5 OPERAÇÕES DE BLEFE.....	19
2.6 O DESEMBARQUE.....	20
2.6.1 A tropa paraquedista.....	22
2.6.2 Omaha.....	24
2.6.3 Juno.....	27
2.6.4 Utah.....	28
2.6.5 Gold.....	30
2.6.6 Sword.....	31
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	33
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	33
3.2 DADOS OBTIDOS.....	33
3.3 MÉTODOS.....	33
3.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....	33
3.5 LIMITES DA PESQUISA.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Durante a história da humanidade o grande cursor de mudanças na sociedade foi a guerra. Grandes batalhas desde os primórdios da civilização foram as motrizes para gerar estas mudanças, onde grandes corpos de exército, armamentos e principalmente táticas e técnicas estiveram envolvidos neste campo. Estas grandes batalhas envolveram homens capacitados que encarregados pelo comando tomaram decisões que culminaram em seu fracasso ou sua glória.

Após a 1ª Guerra Mundial e sua derrota, a Alemanha sofreu duras sanções com o Tratado de Versalhes. Perdas de suas colônias e regiões na Europa, limitações, 100.000 voluntários para o exército, proibição de possuir força aérea e marinha. Dentre todas as sanções a que mais se destacou foi a do Art.231 do Tratado, a Clausula de Culpa. Essa sanção declara a Alemanha responsável pelas perdas da Tríplice Entente onde foi determinada uma exorbitante quantia em indenização mais outros embargos econômicos. Após um período de crises econômicas e superinflação, junto com a queda da República de Weimar, o partido de Hitler ganha espaço. Em 1932 consegue indicar seu nome para o cargo de Chanceler o qual assumiu em 1933. Ainda em 1933 o Partido Nacionalista-Socialista dos Trabalhadores Alemães se tornava único por decreto lei: ali se configura o controle do Nazismo sobre a Alemanha.

Começava a surgir a partir de 1933 uma reconstrução da força e projeção da Alemanha. A busca por reconstruir a nação e os atritos decorrentes com os países vizinhos, as humilhações sofridas da 1ª Guerra Mundial deu início ao maior conflito visto na história, a Segunda Guerra Mundial que se iniciou com a invasão nazista a Polônia.

Um conflito devastador que assolou o mundo. Mais de 45 milhões de mortes, sendo grande parte de civis. Palco de grandes avanços nos campos tecnológicos foi o teatro das maiores operações e batalhas já vistas.

Uma destas grandes operações é o desembarque da tropa aliada na Normandia, que possui a alcunha de Dia D. Uma batalha que mudou o curso da guerra e que necessitou de enorme preparação e gerou consequências para ambos os lados constantes no embate. De um lado a tropa aliada liderada pelo General Dwight D. Eisenhower e do outro a Alemanha Nazista de Adolph Hitler, que enfrentava dificuldades na Europa Oriental após pesadas derrotas e grande desgaste. Aquela que seria a maior operação anfíbia da história fez seu

legado ao longo dos anos, tendo por característica sua enormidade e complexidade. De acordo com o que nos apresenta Gilbert:

Na madrugada de 6 de junho, dezoito mil paraquedistas britânicos e americanos saltavam sobre a Normandia, ocupando pontes importantes e destruindo linhas de comunicação alemãs. Às 6h30, desembarcaram as primeiras tropas – forças americanas, que desceram na praia de Utah com seus tanques anfíbios. Menos de uma hora depois, às 7h25, os primeiros soldados britânicos chegavam às praias Gold e Sword, seguidos, na praia Juno, por 2.400 canadenses apoiados por 76 tanques anfíbios. Às 10h15, a notícia desses desembarques era levada a Rommel, que se encontrava na Alemanha. Rommel voou imediatamente para a França, recebendo instruções de Hitler para, até a meia-noite, “devolver ao mar” os invasores. (GILBERT, 2014, p.532)

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar os motivos que levaram ao fracasso da Alemanha Nazista em se defender do desembarque na Normandia (Dia D)

1.1.2 Objetivos intermediários

Compreender o desgaste do Exército Nazista previamente ao desembarque na Normandia

Compreender os principais beligerantes do conflito e suas características.

Avaliar o desembarque aliado nos setores e praias da Normandia bem como as defesas da Alemanha Nazista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O DESGASTE DO EXÉRCITO ALEMÃO

Após grandes conquistas e avanços dos Exércitos do Eixo pela Europa, o Exército Alemão se encontrava em muitas frentes de batalha. A leste o impasse em Stalingrado, a grande perda de material em Kursk, a derrota da Afrika Korps e a Itália que já não conseguia resistir as divisões de montanha do Exército Americano. Além disso os intensos bombardeios e as intensas batalhas aéreas desgastavam a poderosa força aérea alemã, a Luftwaffe, que se encontrava muito debilitada em relação ao começo da guerra. Questões como a logística de manutenção, combustível e a fabricação de caças se encontrava em baixa produção. Em um curto período de 1942 a 1944 pesadas derrotas em campanhas desestabilizaram as forças de Hitler, tornando-as ainda menos efetivas em defender seu próprio território. Com uma ideia de defender tudo e não ceder um centímetro ao inimigo, a Alemanha Nazista sofreu pesadas baixas nas várias frentes de batalha e inimigos que enfrentava. Dentro destas frentes podemos observar que uma grande quantidade recursos tanto financeiros quanto humanos foram desperdiçados, sendo extremamente necessários posteriormente. Stalingrado foi um exemplo de desgaste pela duração e pelos recursos gastos e Kursk por ser uma manobra precipitada e pela ganância de expandir a Leste no interior da União Soviética.

2.1.1 Stalingrado

A campanha de Hitler para o oriente encontrou um grande desafio que foi a batalha por Stalingrado. Seu avanço frente a URSS esbarrava em dificuldades antes não conhecidas pelas suas divisões blindadas e de infantaria. Um inverno rigoroso, terreno com aspectos geográficos e táticos impediam o avanço e a utilização das táticas já convencionais de seus carros de combate ante a força de Stalin. Por um período de julho de 1942 a fevereiro de 1943 um desgaste enorme ao Eixo acarretou em sua derrota. Conforme Willians (1973) ocorreu a perda de cerca de 600.000 homens, cerca de 1.000 dentre estes um grande número de aeronaves bombardeiros, 1.450 blindados e mais de 6.000 em armamento pesado incluindo obuses, canhões, armamento antiaéreo e armas anticarro.

2.1.2 Afrika Korps

Em fevereiro de 1941, a Alemanha Nazista consolidou uma força expedicionária no norte da África com o objetivo de apoiar a Itália e expandir seu território no continente. A Afrika Korps permaneceu até meados de 1943 quando foi destituída a força da região.

Segundo Hastings (2011), apesar de não estar entre as maiores prioridades de Hitler, os grandes avanços que o Exército Panzer comandado pelo Marechal de Campo Erwin Rommel gerou uma certa empolgação e confiança ao sucesso da campanha na África. Contudo, por problemas de logística devido a grandes distâncias para abastecimento, atrelado ao grande efetivo para se ressuplicar ocasionou na perda de um grande efetivo. Com a retomada da iniciativa do combate pelos ingleses na batalha de El Alamein, ocasionou na total derrota e destruição das cerca de 8 divisões que na África se encontravam.

Por cerca de 2 anos diversos recursos e investimentos foram realizados na Afrika Korps, que em pouco tempo foi destruída pela já fragilizada situação na guerra que se encaminhava a Alemanha Nazista.

2.1.3 A Batalha de Kursk

Após a pesada derrota em Stalingrado a Alemanha recuou cerca de 800 quilômetros dentro do território da URSS. Poucos meses depois seria iniciada a Operação Cidadela que seria uma contraofensiva do Eixo após a derrota Stalingrado. A faixa de território sob domínio da URSS formava uma saliência (bolsão) dentro do território controlado pelo eixo. Basicamente a operação cidadela pretendia “pinçar” essa área e retomar o protagonismo no front Oriental.

Hitler pretendia com Kursk assumir de vez o controle da parte central do exército soviético dando um duro golpe e um caminho livre para subjugar a força inimiga. Com isso não foram economizados recursos e esforços mesmo com a contra recomendação de seus oficiais de alto escalão.

A Alemanha encontrou pesada resistência e uma força defensiva em profundidade impedindo o avanço de seus blindados com a guerra relâmpago (Blitzkrieg). A operação

cidadela falhou e começou pela batalha por Kursk a perda de território pelas forças nazistas na Europa. Segundo Gilbert, no fim, a força nazista sofreu com 3.000 mortos ou desaparecidos, 20.000 feridos, mais de 3.000 blindados destruídos (sendo a maioria de carros de combate) e grandes perdas de armamento pesado. Além de tudo, houve a perda de mais de 1300 aeronaves, e a captura de grande quantidade em armamento e equipamento, dando um duro golpe na Luftwaffe.

2.1.4 A campanha na Itália

Em 10 de Julho de 1943 um outro grande problema surgia para Hitler e seus aliados, abria uma nova frente de batalha. Com a invasão da Sicília pelos aliados, em uma posição estratégica na Europa para o funcionamento da máquina nazista de guerra, Hitler não poupou esforços em tentar conter o avanço do inimigo. A maioria do suprimento de material bélico e grande parte do aprovisionamento ficava a cargo da Alemanha que não pretendia ceder território.

O envio de tropas atrelado ao complicado período em que se estendeu o conflito na Itália, até maio de 1945, recursos escassos e extremamente importantes foram gastos nessa frente. A incapacidade da Itália fascista em defender seu território foi um grande problema a Alemanha, que teve de ser protagonista em mais um teatro de operações.

Com todos estes aspectos no início do ano 1944 Hitler se encontrava em duas complicadas frentes de batalha, pelo Leste o avanço da URSS e o constante avanço das tropas aliadas na Itália já poderiam prever um destino inevitável a guerra. A grande questão que restava é quando os aliados iniciaram um desembarque pela costa do atlântico.

2.2 OS BELIGERANTES NO DIA D

2.2.1 Defesas Alemãs

No começo do ano de 1944 a Alemanha possuía muitos territórios conquistados dos quais não conseguia administrar efetivamente. Conforme Ambrose (2009), tropas compostas por estrangeiros e alemães já fora da idade de recrutamento (velhos e jovens) criavam um exército sem experiência e preparo para o combate. Outro aspecto interessante foi a progressiva mudança de um exército rápido acostumado a ataques maciços e rápidos, procurando o máximo de avanço ao território inimigo para um exército que necessitava

proteger posições. Com isso vieram carros de combate pesados e robustecidos e uma infantaria estática.

Com as seguidas derrotas para Stalin em Stalingrado e Kursk ao Leste já não seria possível retomar a iniciativa nessa frente de batalha. Mas o grande golpe temido pelo exército alemão viria ao oeste. Um desembarque bem-sucedido pelo Exército Aliado oriundo da Inglaterra na costa francesa seria um duro golpe para o Eixo. A frente de batalha a leste estava a cerca de 2.100 km de distância de Berlim ,enquanto uma frente de batalha oriunda a oeste na França estaria a cerca de 1.000 quilômetros de Berlim e a 500 quilômetros da região do Reno-Ruhr .A região do Reno-Ruhr se encontravam as principais indústrias de base da Alemanha e perde-las seria um fim a qualquer produção de material bélico durante o conflito.

Com uma vitória a esta invasão a oeste, Hitler acreditava que nunca mais nenhum inimigo voltaria a realizar uma grande incursão a costa francesa. Desta maneira, poderia então retomar a iniciativa na dura frente de batalha que se encontrava com a URSS.

Com as grandes perdas na frente oriental, Hitler teve de optar no Leste na costa francesa uma defesa priorizando fortificações fixas. Com as fortificações poderia poupar principalmente o recurso que mais se encontrava em falta, o humano. As forças alemãs sofreram cerca de 3 milhões de baixas até o fim de 1943 na frente contra Stalin. Após as perdas em Kursk as forças nazistas empenhavam cerca de 2 milhões de homens para manter uma linha compreendida entre Leningrado ao Mar Negro, cerca de 1.900 quilômetros.

Com a enorme perda de pessoal os padrões de recrutamento da Wehrmacht (força de defesa alemã) caíram drasticamente. Antes questões raciais eram o fator principal de seleção para perfilar nas forças militares da Alemanha Nazista, mas já no início do ano de 1944 esses padrões foram relaxados. A Wehrmacht passou a contar com convocados dos territórios dominados compondo os Batalhões Ost (orientes), que eram enviados para a costa francesa após a derrota em Kursk e por se tornaram menos confiáveis devido as questões de recrutamento.

Com medidas desesperadas para levar alemães para a linha de frente os limites de idade foram relaxados. Um exemplo claro seria o fato de no final do ano de 1943 cerca de 30% do efetivo da Wehrmacht se encontrava superior a idade de 34 anos. Na visão de Ambrose:

Como consequência destas medidas desesperadas, a Wehrmacht não tinha recursos para conduzir uma defesa em profundidade baseada em contra-ataques e

contraofensivas. Carecia de suficientes tropas de alta qualidade, carecia de suficiente mobilidade blindada. Os velhos, os rapazes e as tropas estrangeiras só tinham valor se fossem colocados em trincheiras ou fortificações de cimento, com sargentos alemães por trás deles, de pistola na mão, prontos para atirar em qualquer homem que deixasse o posto. (AMBROSE, 2009, p.38)

Como medida após conquista da costa francesa, Hitler tomou como decisão preparar fortificações ao longo da costa do Atlântico. Essa linha defensiva se estendeu ao sul na fronteira entre a França e a Espanha e ao norte na Noruega. Toda esta linha defensiva seria de 2.700 quilômetros. Ao longo dessa linha seriam postos bunkers com armas contra alvos navais, as praias foram tomadas com obstáculos contra os veículos anfíbios e mais de 6 milhões de minas foram instaladas.

Figura 1 – Muralha do Atlântico



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=34817779>

Conforme Beevor (2010) com toda a extensão da muralha, seria impossível construir todos os pontos e defendê-los para isso foi necessário escolher pontos estratégicos para a Alemanha Nazista. Cidades portuárias e de importância tanto econômica quanto ao escoamento de materiais da indústria de base como a Antuérpia foram extremamente fortificadas. Contudo para rechaçar um ataque em massa seria necessário apostar em uma região para tal, portanto, o alto escalão alemão deduziu que este ataque se realizaria em Passo de Calais. Esta região possivelmente seria a escolha aliada devido à proximidade de Dover

(Inglaterra) e Calais (França) ser o trecho mais estreito no Canal da Mancha entre os dois países.

Com isso o foco da muralha do atlântico se tornou Calais. Grandes bunkers e a concentração de blindados nesta região se tornou o maior posto defensivo na frente ocidental alemã. A ideia de uma muralha inexpugnável e impenetrável se fazia valer em Passo de Calais. O que a propaganda Nazista dizia ser feito em 3 anos na costa francesa realmente se cumpriu na região. Além das defesas na muralha existiam tropas da melhor qualidade e divisões blindadas no interior, realmente em Calais seria possível impedir qualquer tentativa de invasão.

O foco defensivo alemão ao longo da costa francesa foi uma defesa estática e forte, não possuindo muita profundidade e pouca mobilidade. A falta de recursos fez com que somente pontos estratégicos fossem devidamente protegidos. Foi delegado a Erwin Rommel já experiente General alemão na campanha da África para ser o responsável na frente contra um possível desembarque aliado na costa francesa.

2.3 TROPAS ALIADAS NO DIA D

As tropas aliadas eram compostas principalmente dos exércitos britânicos, estado-unidense e canadenses, e estes se diferenciavam muito entre si e ainda mais do lado inimigo. As forças aliadas se reuniram por todo o Reino Unido o que por relatos de espiões nazistas, fomentou ainda mais uma ideia de desembarque. Os aliados sabiam que era impossível esconder tantos homens, navios e material bélico do inimigo, entretanto poderiam manter sob sigilo como e quando seria o desembarque. O que mais importava era onde seria o desembarque, sendo este o fator mais determinante na operação.

2.3.1 O Exército Americano

Segundo Ambrose (2009), o Exército Estado Unidense se diferenciava em muito da desgastada Wehrmacht (que já contava com seus batalhões voluntários e cada vez menos seletivos). Antes o que era um pequeno exército em 1940 com cerca de 200.000 homens chegava aos 7 milhões de convocados no final de 1943. E este processo mudou drasticamente o modo da nação estado unidense. A indústria, meios de comunicação, governo se adaptaram para formar a maior máquina de guerra para que pudessem combater na Europa e no Oceano

Pacífico. Uma característica singular do exército estado-unidense era o nível de seu recrutado. O programa seletivo gerou de fato um dos exércitos com melhor preparo físico e intelectual da história.

Ambrose também nos apresenta a sua visão do Serviço seletivo Americano:

O Serviço Seletivo Americano era exatamente isto: seletivo. Um terço dos homens convocados para o serviço militar era rejeitado depois dos exames físicos, tornando o convocado médio mais brilhante, mais saudável e mais bem-educado que o americano padrão. Tinha 26 anos de idade, um metro e setenta e seis de altura, sessenta e cinco quilos de peso, 85 centímetros de tórax e 78 de cintura. Depois de treze semanas de treinamento básico, ele ganhava três quilos (e convertia muito dos originais gramas de gordura em músculos) e acrescentava pelo menos 2,5 centímetros ao tórax. Aproximadamente metade dos convocados tinha diploma de escola secundária; um em dez tinha alguma formação superior. (AMBROSE, 2009, p.54)

Com isso no começo de 1944 das tropas escolhidas para fazer parte da campanha na frente noroeste europeia, das 53 divisões somente duas haviam estado no campo de batalha sendo uma destas a 82ª Divisão Aerotransportada a “All American”. Era um exército qualificado, bem equipado, porém ainda sem a experiência do campo de batalha, o que poderia ser um fator de extrema complicação.

2.3.2 Exército Britânico

O outro grande agente no desembarque, o Exército Britânico, era também inexperiente. Das divisões selecionadas para o desembarque nem todas estiveram em combate, e as que estiveram não haviam participado de muitos.

Segundo Ambrose (2009) o Exército Britânico se demonstrava defasado em relação ao americano quanto ao alemão. Desde o armamento individual ao armamento de grosso calibre, não possuíam tanto desenvolvimento. O armamento de ponta de linha também era defasado em relação as outras forças no teatro de operações.

O soldado da Grã-Bretanha poucas vezes esteve no front com grandes campanhas sendo a última Força Expedicionária em 1940. Em suma, este soldado não se encontrava em boa forma física e não possuía um grande nível educacional. Os veteranos da linha de frente haviam estado em batalha na perseguição ao já debilitado exército alemão na África em 1943 e a campanha pouco proveitosa na Itália.

Outra característica deste exército era de ser pouco aguerrido, isso devido ao fato da formação do soldado comum e do tratamento dado as linhas. Estes oriundos de jovens que cresceram em curso as sombras das tragédias e massacres da primeira guerra mundial ocorridos em Flandres e Somme, juntamente aos oficiais e comandantes mais experientes que estiveram presentes nas batalhas entrincheiradas e contra fortificações. Estes fatores criaram um exército temerário, criando uma força demasiadamente cautelosa impregnada com uma ideia de não agressividade. Segundo Ambrose:

“Os alemães que lutaram muitas vezes com os ingleses expressaram a sua surpresa ante a maneira pela qual as tropas britânicas fazem apenas o que se espera delas, e nada mais. Acharam notável que as tropas britânicas costumassem abandonar uma perseguição para preparar seu chá, e inclusive mais notável que as tropas britânicas resolvessem se render quando sua munição escasseava, o combustível chegava ao fim, ou quando eram cercados.” (AMBROSE, 2009, p.56)

2.4 A RESISTÊNCIA NA FRANÇA

Outro importante contribuidor para o sucesso do desembarque era a força de resistência que se situava no interior da França. Assim escriturado por Beavor (2010) de acordo com a SOE (Agência de Operações Especiais) situada na capital Londres, no final de 1944 estimou que eram cerca de 350.000 integrantes através das várias estações rádio clandestinas da resistência.

O principal foco da resistência não era a busca de um confronto direto, mas utilizar de táticas de sabotagem e fornecer dados de inteligência para Londres. Um dos meios que mais sofreu com as sabotagens foi a malha ferroviária. Os trens eram utilizados para o transporte de material e armamento pesado, principalmente divisões inteiras de Panzer. Juntamente com o material pesado, era a melhor forma de se conduzir suprimentos para as tropas. Com isso, guindastes de transporte, pátios de carregamento e manobra, pontes com trilhos eram os principais alvos da resistência. Além do modal ferroviário o ataque as estradas também eram rotineiras, como uma forma de retardar os suprimentos das tropas Nazistas. Um aspecto interessante foi a condução de sabotagens de linhas próximas a Normandia previamente ao desembarque, conduzidos pelo contato entre a SOE e as forças de resistência.

2.5 OPERAÇÕES DE BLEFE

Um grande fator para o sucesso da operação se não o maior fator, seria a surpresa do desembarque. Para que isso pudesse acontecer foram realizadas diversas medidas de inteligência, ocasionando em operações de grande renome e vulto que antes nunca foram vistas.

Uma destas operações foi o Plano Fortitude. Este plano buscava trabalhar principalmente em duas frentes, uma ao norte e outra ao sul. O Plano Fortitude Norte simulava uma possível invasão a partir da Escócia a Noruega, tendo o objetivo de fixar um grande número de divisões por lá. Já o Plano Fortitude Sul pretendia convencer de que o desembarque seria ao ponto mais próximo à costa do Reino Unido, ao Passo de Calais e que a ação na Normandia seria secundária. Appreciemos o que nos mostra Beevor sobre o fato:

A verdadeira invasão aconteceria supostamente entre Boulogne e o estuário do Somme, na segunda metade de julho. O ficcional “Primeiro Grupo de Exército Americano”, sob o comando do General George S. Patton, o comandante que os alemães mais temiam, gabava-se de ter 11 divisões no sudeste da Inglaterra. Aviões de mentira e blindados infláveis, além de 250 navios de desembarque falsos, contribuíram para a ilusão. Formações foram inventadas, como a 2ª Divisão Aeroterrestre britânica, ao lado de outras reais. Para aumentar a ilusão, dois quartéis-generais de corpos falsos também mantinham comunicação constante pelo rádio. (BEEVOR, 2010, p.21)

Além desta operação existia o Plano Ironside e a Operação Copperhead. Este primeiro dava a entender que uma suposta força viria após duas semanas ao desembarque principal diretamente dos Estados Unidos. Já a operação Copperhead ocorreu em meados de maio utilizando um ator parecido com o General Montgomery. Este ator visitou áreas no mediterrâneo dando a entender o interesse aliado na região. Também foram utilizados diversos agentes criando desinformação com os contatos rádios.

Já no final do mês de maio de 1944 o complexo de decodificação rádio e outras medidas de inteligência, interceptou diversas mensagens alemãs dando a entender que os mesmos haviam acreditado no Plano Fortitude. Com isso foram convencidos de que as ações na Noruega e na Normandia eram secundárias para o grande desembarque que seria em Passo de Calais.

2.6 O DESEMBARQUE

Em um primeiro momento os aliados possuíam a vantagem da batalha. Com a superioridade aérea e marítima seria possível decidir quando e onde poderia ocorrer o desembarque. Além disso, os novos veículos anfíbios possibilitavam uma grande mobilidade e aumentavam a variabilidade e as possibilidades para desembarcar em novas áreas e praias. Contudo ao chegar nestas praias existia a muralha do atlântico, uma defesa fortificada e em posição favorável aos primeiros soldados que desciam nas praias apoiados primeiramente pelo fogo naval e pela aviação aliada que poderia estar enfrentando dificuldades com a Luftwaffe.

Até o estabelecimento de uma cabeça de praia tanto a tropa aeroterrestre quanto as tropas que estariam em desembarque ficariam retidas, enquanto os veículos pesados e de apoio não chegassem a essa cabeça. Uma cabeça de praia seria basicamente uma zona segura, uma faixa no terreno que se estenderia da praia até o interior passando pela muralha, dando espaço e segurança para desembarque e manobrabilidade às tropas. Seria importante estabelecer o mais rápido possível esta cabeça de praia segura, pois não se sabia com precisão a quantidade de divisões alemãs e a que velocidade poderia estar em detrimento as tropas aliadas. Este fator era importante para determinar o sucesso da operação e evitar o principal medo aliado, um congestionamento demasiado nos desembarques. Com este congestionamento os vários navios prontos para desembarcar material e pessoal se tornariam grandes alvos estáticos podendo facilmente serem batidos. Era um fator decisório em que seria o momento mais sensível da operação podendo ser rechaçada completamente pela força da Alemanha Nazista.

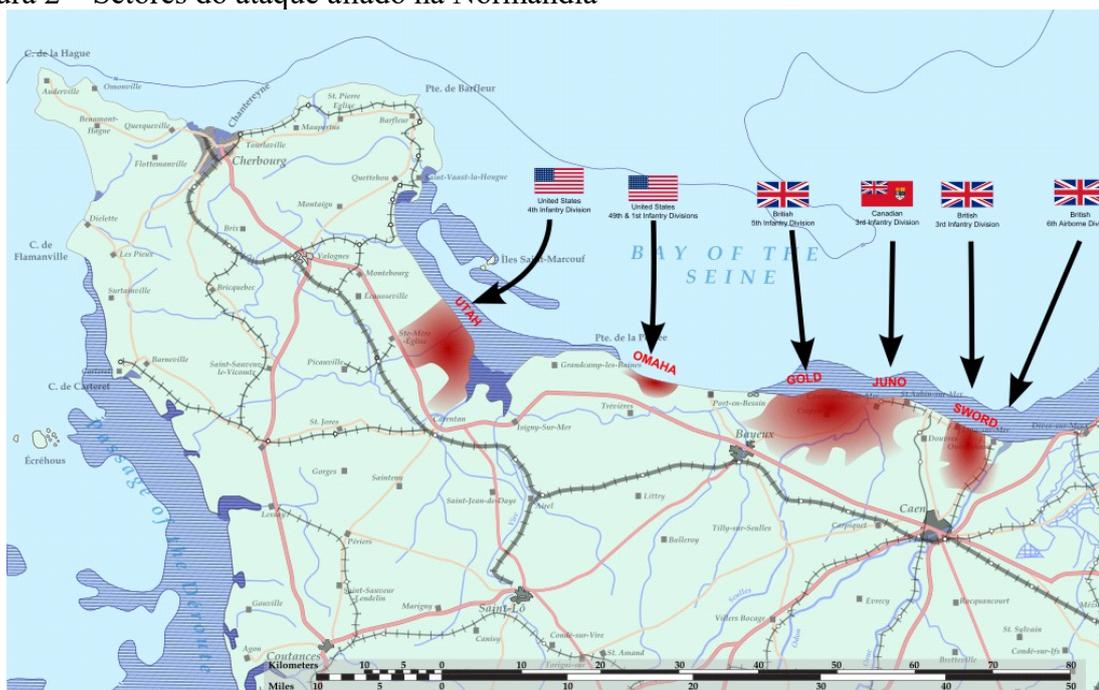
No interior da França, a Alemanha contava com cerca de 47 divisões de infantaria e mais 15 divisões blindadas. No desembarque os aliados iriam contar com cerca de 5 divisões na costa e mais as duas divisões paraquedistas estado-unidenses que estavam mais ao interior da costa e a divisão paraquedista britânica, para garantir a segurança necessária para o apoio oriundo da Grã-Bretanha.

Com o sucesso do desembarque iniciariam os problemas de efetivos e logísticos. Seriam necessárias algumas semanas após o desembarque para o completamento do efetivo aliado para fazer frente as 62 divisões alemãs. Toda a logística inicial viria da Grã-Bretanha o que impediria um grande avanço inicial dentro do interior da França logo no começo da operação de libertação da França.

Para realizar o desembarque na Normandia segundo Gilbert (2014) as tropas aliadas foram divididas em 5 grandes frentes, sendo estas Utah, Omaha, Gold, Juno e Sword. No total

correspondia a uma frente de cerca de 83 quilômetros. O que viria a ser a maior operação anfíbia da história contou com a travessia de 157.000 homens e 21.000 paraquedistas. Contou com mais de 50.000 veículos e 500 navios e embarcações para o desembarque. Outro aspecto assustador e que demonstra a magnitude da operação foi a quantidade de 11.000 aeronaves. Dentre estas se encontravam principalmente os bombardeiros B-17, conhecidos como fortalezas voadoras, e os C-47 Douglas (aeronaves de transporte) que lançariam os paraquedistas naquele dia .

Figura 2 – Setores do ataque aliado na Normandia



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Map_of_the_D-Day_landings.svg

2.6.1 A tropa paraquedista

Na primeira hora do dia 6 de junho de 1944 iniciava a ação aliada sobre a Normandia. Cerca de 1.200 C-47 levavam 3 Divisões paraquedistas com um total de 21.000 homens para um salto atrás das linhas inimigas.

A ação da tropa paraquedista sofreu desde o começo com problemas inesperados conforme Ambrose (2009). Ao chegar na costa da Normandia, uma grande quantidade de nuvens fez com que as grandes formações aéreas fossem desfeitas, causando certos problemas depois. O grande volume de fogo antiaéreo causou enorme confusão aos pilotos que não conseguiram reduzir tanto sua velocidade para o lançamento das tropas, pois caso tivessem reduzido seus C-47 seriam facilmente abatidos. Mudanças de altitude e direção quebraram

totalmente as formaturas em “v” que as divisões haviam planejado. O C-47 era uma aeronave simples, não possuía blindagem nem proteção especial em seus tanques de combustível e não possuía armamento algum. Era uma aeronave cujo objetivo do projeto era transporte de pessoal e material, possuindo baixo custo e facilidade de produção. Entretanto conseguia se manter no ar mesmo com grandes avarias, tendo casos relatados de uma total perda de cauda e um motor em conjunto. Os projetis que chegavam a atingir as aeronaves rasgavam a fuselagem com extrema facilidade e a baixa altura que os aviões estavam permitia que até fogos de metralhadora os atingissem.

O caos aéreo causou grandes problemas no lançamento da tropa no interior da Normandia. Casos de material e paraquedistas se chocando com aeronaves foi comum, e não bastando os problemas em ar como também em solo, foram fatores complicadores.

Conforme Beevor (2010), ao chegar no solo o primeiro problema era lidar com vegetação alta e densa em alguns pontos, e em outros casos nos vales inundados que causariam mortes por afogamento. Em seguida era encontrar sua fração e unidade para depois de agrupar se encontrar no campo de batalha. Casos de tropas estarem cerca 30 quilômetros de seus objetivos e cada soldado cair cerca de 900 metros um do outro foram costumeiros. A 101ª e a 82ª divisão que tinham objetivos próximos acabaram misturando suas tropas tendo nenhuma fração mantido sua constituição original.

Mesmo com a conturbada chegada ao solo, rapidamente as tropas aliadas começaram a atuar em detrimento de seus objetivos. Primeiramente buscaram destruir os sistemas de comando e controle do inimigo, no caso os radares, linhas de comunicação e rádios. Por conta da desorganização aliada junto da destruição dos meios de comunicação, os alemães não souberam se organizar e rechaçar a tropa aliada. Em vários pontos pequenos grupos causavam, em um raio de 50 quilômetros, prejuízos as linhas defensivas. Além disso, por ter a divisão britânica no outro extremo das praias, era complicado combater todos os pontos, sendo impossível lançar uma contraofensiva rapidamente em larga escala.

Um grande facilitador para as tropas que se encontravam nas linhas inimigas foram a chegada por volta das 3 horas da madrugada dos planadores com material, jipes e canhões contra blindados. Apesar da massiva baixa destes planadores e destruição de grande parte do material, se fizeram valer muito os que chegaram em condição de uso para as tropas no terreno.

Em resumo a missão das três divisões aerotransportadas era facilitar o desembarque que começaria por volta das 6 horas da manhã. Para isso seu objetivo era reter possíveis tropas que chegassem as praias, evitando uma possível ação massiva contra as tropas congestionadas na costa da Normandia. Para isso foram determinados objetivos a cada divisão com o intuito de facilitar o desembarque. A 101ª e a 82ª saltaram no flanco junto a praia da Utah, já 6ª Divisão Britânica saltou no outro flanco próximo a Sword.

Conforme Ambrose (2009) a 6ª Divisão tinha como principal objetivo tomar posições de pontes junto ao Rio Orne e o canal de Caen para facilitar a passagem de tropa aliada posteriormente, e fizeram com extremo sucesso. Além disso executaram missões de destruir seis pontes que facilitariam o contra-ataque nazista. A 101ª e a 82ª Divisões encontraram problemas para concretizar seus objetivos. Até o final da madrugada as posições do Rio Dove e do Rio Meredet, importante para a segurança da tropa que desembarcaria, não tinha sido tomada, pontes que deveriam ter sido destruídas ainda possibilitavam a passagem inimiga. As unidades ainda estavam desconcentradas tendo sido extremamente difícil a reunião de poucos homens. Um aspecto interessante foi fato de 101ª Divisão ao final do dia 6 de junho não ter conseguido reunir metade de seu efetivo, reunindo cerca de 2.600 homens, tendo cerca de 3.400 não estarem em contato com a força principal.

Apesar da constatação feita após de que o horário de lançamento teria sido muito mais proveitoso se fosse feito um pouco antes do alvorecer em torno das 4 horas as 5 horas, facilitaria em muito a ação da tropa naquele dia, foi de grande valia a ação dos paraquedistas anterior ao desembarque. A previsão de baixas era terrivelmente superior as que realmente ocorreram, e as ações realizadas no interior causaram grande confusão as tropas nazistas, tendo em grande parte acreditado ser uma ação secundária para a verdadeira invasão em Passo de Calais.

2.6.2 Omaha

A praia de Omaha foi a mais desgastante em todo o desembarque por diversos fatores, sendo um destes a geografia do terreno. Segundo Beevor (2010) com a maré baixa se estendia uma faixa de areia de cerca de 300 a 350 metros de solo firme, porém com a maré alta a água se estendia até seixos com cerca de 2 a 3 metros de altura e 14 metros de comprimento em alguns pontos. Após os seixos se estendia um planalto com parte lamacenta. A praia terminava

em penhascos que variavam de 30 a 40 metros. A praia em toda sua extensão com cerca de 9 quilômetros impedia flanqueamento devido aos paredões que delimitavam a área. Com a construção de obstáculos contra veículos de desembarque e fortificações nos penhascos permitia uma posição defensiva estática e bastante favorável contra qualquer atacante que viesse atravessar a praia.

As defesas de Omaha se consistiam em minas marítimas e terrestres. As construções com ouriços, vigas de aço e estacas, concertinas se estendiam em toda a praia. Foços anti-blindados juntamente com os sistemas de trincheiras se encontravam na costa. Existiam cerca de 12 pontos fortes com grande resistência a fogo naval. Por toda a extensão costeira foram espalhadas metralhadoras e peças de artilharia. Canhões 88 mm e morteiros completavam o poder de fogo da muralha em Omaha.

Omaha sem dúvidas era o pior ponto para se desembarcar na Normandia, porém se fazia extremamente necessário para que ocorresse a junção entre as praias de Utah e Gold. Mesmo com todos esses fatores contra os aliados acreditavam no poder do pesado bombardeio aéreo e das armas navais. Segundo os serviços de inteligência haveria pouco efetivo em Omaha, sendo estes dos batalhões de prisioneiros.

Para tomar Omaha a praia foi dividida em 8 principais setores. Sendo elaborado um plano que dependia de muita coordenação e principalmente de alguns elementos da tropa específicos. Podemos verificar o plano pelo que nos apresenta Ambrose:

As primeiras levadas consistiriam em dois batalhões de cada um dos regimentos (116º Regimento da 29ª Divisão e o 16º Regimento da 1ª Divisão), chegando às praias numa coluna de companhias, com o 3º batalhão avançando atrás. As equipes de assalto estariam cobrindo cada polegada de praia, (...). À frente estariam as equipes de demolição submarina da Marinha e engenheiros do Exército. Cada equipe de assalto e as unidades de apoio tinham tarefas específicas para executar, todas aparelhadas para abrir saídas. Quando a infantaria suprimisse qualquer tipo de fogo, as equipes de demolição explodiriam os obstáculos e assinalariam os caminhos através deles com bandeiras, de modo que quando a maré viesse os patrões saberiam onde embicar.

Em seguida viriam as próximas levadas de embarcações de desembarque, trazendo reforços num rigoroso e severo horário destinado a empregar um poder de fogo que ia M-1s até obuseiros 105 mm, exatamente na medida da necessidade, e ainda mais carros de combate, caminhões, jipes, unidades de saúde, pessoal de controle de tráfego, quartéis-generais, unidades de comunicações – todo o apoio físico e o controle administrativo exigido por duas divisões de infantaria (...)

Por volta na Hora H mais 120 minutos, os veículos estariam subindo os barrancos abertos para o cimo do penhasco e começando a deslocar-se para o interior na direção de seus objetivos do Dia (AMBROSE, 2009, p.394)

O plano se iniciou por volta das 5 horas e 20 minutos com as primeiras barcaças seguindo para o desembarque em Omaha, porém o plano não seguiu conforme os previstos. A Hora H seria por volta de 6 horas e 20 minutos ocorrendo anteriormente as 6 horas e 5 minutos uma preparação com os aviões bombardeiros. Neste dia o mar se encontrava muito agitado com fortes ventos o que prejudicaria o desembarque na praia.

A primeira falha aconteceu com o bombardeio na costa. As formações para evitar sofrer grandes baixas com o fogo antiaéreo não sobrevoou paralelamente a costa, mas sim oriundo do mar. Assim atrelado ao fato do medo da tripulação e do apontador das bombas em acertar as embarcações que se encontravam próximo a praia, demorou muito para abrir as comportas e liberar as bombas. O bombardeio ocorreu após a linha defensiva que se encontrava na costa e nos penhascos deixando a defesa alemã praticamente intacta.

Com o mar revolto e o fracasso dos bombardeiros uma completa desorganização ocorreu nas tropas aliadas. Na primeira leva cerca de 30 blindados e sua guarnição afundaram, mais de dez embarcações sofreram os mesmos destinos. Veículos anfíbios sofreram com as metralhadoras na costa causando pesadas baixas. Os fogos vinham da frente e dos flancos devido ao formato côncavo da praia causando grande confusão as tropas. Os blindados que chegavam à praia eram os principais alvos da defesa alemã tendo a grande parte da artilharia aliada designada a Omaha nem ter conseguido chegar em solo. Todos estes empecilhos ocorreram antes mesmo dos primeiros homens chegarem ao solo da praia. Cerca de 5 minutos antes da abordagem da tropa o fogo naval cessou.

Quando as tropas e as embarcações chegaram à praia, grande maioria se encontrava enormemente distante de seus objetivos, isso devido ao vento e a dificuldade de orientação em atracar no terreno. As embarcações compostas de homens que ainda não haviam realizando um desembarque em praia sofreram com o equipamento e a água que retinha o movimento.

Durante duas horas uma completa desorganização tomou conta do desembarque. Um congestionamento e poucos veículos pesados não conseguiram chegar ao solo. Outro grande fator prejudicial para o desembarque foram as equipes de demolição. Cerca de 16 pontos foram determinados para criarem lacunas onde não existissem obstáculos para o desembarque, entretanto somente 5 pontos foram destruídos tendo as outras equipes falhado ou sido mortas. Nesta altura do desembarque, os veículos se tornaram um dificultador prejudicando a ação ofensiva.

Por volta das 8 horas e 30 minutos foi dada a ordem para aguardar a abertura de outras brechas para reiniciar a atracagem de outras embarcações. Os aliados conseguiram se organizar e aos poucos a batalha foi mudando de rumo.

Os aliados voltaram a ter protagonismo quando próximo as 10 horas o fogo naval foi organizado e apoiou em fogo contra as fortificações que se encontravam nos penhascos. Os contratorpedeiros e destróieres estacionaram a cerca de 900 metros da praia e abriram pesado fogo contra as fortificações tirando o foco dos homens que se encontravam na praia. Antes o fogo se encontrava a grande distância e estava atirando com nenhuma precisão.

O sistema de desembarque se encontrava ainda muito confuso e conturbado, mas já a tarde as linhas defensivas já haviam sido transpostas. As equipes de engenharia continuavam a abrir caminhos e a retirar obstáculos. No fim da tarde Omaha já não possuía grande resistência.

Conforme Beevor (2010), o final do dia as tropas aliadas perderam cerca de 3.000 homens. O que havia sido programado para desembarcar cerca de 2.400 toneladas, porém somente 100 toneladas chegaram as praias. A tropa conseguiu entrar somente 3 quilômetros no interior. O desembarque em Omaha custou muito caro aos aliados, mas por necessidade se tornou um importante ponto de chegada de suprimentos a França

2.6.3 Juno

A Praia de Juno ficou sob responsabilidade do Exército Canadense, mais especificamente da 3ª Divisão Canadense. A força canadense era composta de voluntários sendo estes homens oriundos do campo. Eram homens bem treinados e jovens que possuíam grande motivação.

Conforme Beevor (2010) as defesas alemãs começavam pela 716ª divisão composta pelos Batalhões Ost com prisioneiros soviéticos e poloneses. Esta divisão possuía 20 baterias de Artilharia sendo a maioria de 155mm. Ao longo da costa foram espalhados campos minados, concertinas e trincheiras. Existia também um grande número de espaldões de metralhadora. Ao longo da costa de Juno existiam posições fortificadas, porém as mesmas se encontravam muito distantes uma das outras. Além disso o foco defensivo era estático, possuindo pouca ou nenhuma mobilidade.

Assim como em Omaha o bombardeio aéreo não foi eficaz como o planejado e em Juno foi ainda mais ineficiente. Nenhuma defesa na costa foi destruída prejudicando imensamente a abordagem na praia.

No dia 6 de junho a partir das 6 horas e 20 minutos por cerca de uma hora, um intenso fogo naval se abriu sobre as posições defensivas em Juno sendo interrompidos para o desembarque das tropas. As 7 horas e 30 minutos começou o desembarque em solo tendo ocorrido pesadas baixas com o intenso fogo oriundos da defesa costeira. Uma característica interessante em Juno foi o fato de toda a defesa e armamento estar focado em quem desembarcava na praia e tentava a atravessar. Com isso aqueles que estavam com o movimento retido pelos obstáculos se tornavam alvos fáceis dos morteiros e metralhadoras.

Com a desobstrução dos obstáculos e a grande distância entre os fortes não demorou muito tempo para que os canadenses tomassem o protagonismo em Juno. Não existiam penhascos na costa da praia e a defesa não possuía profundidade, após passar pela muralha existiam poucas vilas e um terreno plano e limpo. O plano de transpor a muralha ocorreu sem muitos problemas após as tropas e os veículos blindados conseguirem dar vazão na praia. Não foi muito difícil abordar a muralha e após limpar os grandes pontos fortes defensivos. Por volta das 10 horas já se encontrava operante os obuseiros autopropulsados 105mm da Artilharia Real Canadense que entraram em posição na praia. Ainda neste tempo, os pelotões de engenheiros de combate continuavam a abrir caminhos e desobstruir vias deixando o interior acessível para os homens e principalmente blindados e suprimentos que chegavam. Com um considerável sucesso por volta do meio dia, toda a 3ª Divisão canadense se encontrava no solo, tendo grande parte já se infiltrado nas vilas e unidades com maior mobilidade com carros de combate já estavam em posições avançadas no interior.

Conforme após as muralhas existiam a vilas onde foram determinados objetivos a cada pelotão. Já no interior próximo as vilas e dentro das mesmas não existia grande resistência. Os batalhões blindados nazistas não se encontravam no interior e a batalha se estendeu com soldados Ost em vielas e casas. As tropas naquela área não eram da temida Wehrmacht que era caracterizada pelo orgulho e preparo nazista, não se engajando fervorosamente.

Conforme Ambrose (2009) ao final do dia mesmo com cerca de 1.400 mortes e 300 baixas o desembarque pode ser considerado um sucesso. As perdas de material e suprimentos não foram pesadas estavam inclusive previstas, no entanto a primeira leva havia sofrido

perdas talvez maiores que a de Omaha o que ainda amargava a inexperiente divisão canadense.

2.6.4 Utah

Assim como nas outras praias, Utah também tinha um planejamento para o desembarque que necessitava de muita coordenação e de extrema organização para o sucesso da operação. Conforme Ambrose (2009), primeiro ocorreria uma preparação com os foguetes das embarcações de desembarque de blindados e diferente de outras praias, carros de combate Sherman seriam os primeiros a chegar em solo. Estes primeiros blindados tinham como característica serem flutuantes, eram preparados e modificados para poderem desembarcar em local aquático. Poucos segundos depois, desembarcariam a tropa a pé para assalto e os primeiros elementos de engenharia de combate. Esta leva seria a maior do ataque frontal, e somente após cerca de 15 a 20 minutos desembarcariam os blindados convencionais. Veículos blindados niveladores (tratores de esteira), blindados e carros de combate convencionais chegariam à praia. A última leva focada no combate do desembarque era composta de 2 batalhões de engenharia focados em limpar a praia e em seguida abrir caminho para o interior

O plano não ocorreu conforme o previsto, mas de certa forma foi eficientemente certo. As tropas desembarcaram cerca de um quilômetro a sul do local, isso devido ao forte vento noroeste que atingia a costa pela manhã de 6 de junho. Contudo, o comando de Utah e da 4ª divisão decidiu que ali seria o ponto inicial do ataque, isso por conta das defesas na área que eram bem menos estruturadas que a do local de desembarque inicial. Diferentemente das outras praias o bombardeio aéreo foi extremamente eficaz, juntamente com os foguetes das embarcações de transporte de blindados. Quando as primeiras embarcações chegaram na margem não foram recebidas por fogos pesados, isso devido a total desordem e destruição das bombas lançadas. Grande parte da defesa foi destruída ou abandonada pelos alemães ficando desguarnecidas. Aqueles que sobreviveram se fixaram em trincheiras onde não tinham grande poder de fogo principalmente contra os carros de combate. Além disso, a grande desorganização criada na defesa devido a destruição do sistema de comunicação nazista corroborou ainda mais para o sucesso da tropa aliada. Mesmo com a confusão ocorrida na hora do desembarque, a tropa de assalto foi a primeira chegar antes da blindada, devido ao peso superior, não prejudicou em nada a ação aliada.

Além da decisão acertada e já difícil de ser revertida, de iniciar o ataque daquele ponto mais ao sul, outro diferenciador em UTAH foi a ação dos engenheiros de combate que vieram a vanguarda e do 237º e 299º Batalhão de Engenharia. Segundo Ambrose (2009), diferente de Omaha e Juno os engenheiros não procuraram somente abrir brechas no mar e em solo criando corredores de desembarque, mas sim limpar todos obstáculos de uma vez. Essa decisão fez com que o trabalho de desobstrução tivesse menor duração e que grande parte dos engenheiros pudessem focar na destruição da muralha.

Em pouco tempo a muralha começava a ser transposta e já não se encontravam grandes resistências, os bunkers no interior ocupado em sua maioria por tropas de batalhões Ost se renderam ou não ofereceram grande engajamento. O maior dificultador na área foram os campos minados que restringiram um pouco a impulsão do ataque.

Por volta das 10:00 horas a praia já não tinha resistência e um pouco mais tarde os batalhões em reserva já começava a chegar na praia. As 11 horas ocorreu a ligação entre a 101ª Divisão Aeroterrestre e a 4ª Divisão.

Conforme Beevor (2010) ao total a 4ª divisão sofreu com cerca de 200 baixas e ao final do dia toda a divisão já se encontrava em solo, com cerca de 23.000 homens e todos os veículos. A praia de Utah foi um verdadeiro sucesso tendo o desembarque ocorrido com o mínimo de prejuízo e com grande rapidez. O sucesso do bombardeio atrelado a ação da 101ª Divisão contribuiu para o sucesso da ação.

2.6.5 Gold

O setor denominado Gold ficou a cargo da 50ª Divisão e era o centro da ação aliada. O desembarque nesta praia começaria cerca de uma hora após o começo em Omaha e Utah, isso devido à baixa da maré que se daria do sentido da praia de Utah para Sword. Gold se dividia em 4 setores e ainda contava com experiente 7ª Divisão Blindada (Ratos do deserto), que esteve na campanha no norte da África.

Como nas demais praias o ataque se consistia no mesmo fundamento. Um bombardeio naval e dos foguetes das embarcações junto com o bombardeio aéreo nas posições defensivas da costa. Em seguida seriam as tropas a abordar a praia com o primeiro objetivo de remover obstáculos e desobstruir para passagem em grande escala das tropas sem criar grandes funis.

Conforme dito por Beevor (2010), na praia muitos dos alemães se encontravam ao centro e a leste na divisão com Juno em casas que se encontravam na costa. O fato da ação mais a oeste ter começado uma hora antes, permitiu que os bombardeios de preparação fossem devidamente mais eficientes. Um grande número de posições inimigas foi atingido pelo bombardeio o que permitiu uma abordagem da tropa sem grandes complicadores.

Ao abordar a praia o principal dificultador seriam os obstáculos marítimos. O bombardeio havia atingido as principais posições defensivas, mas os atiradores nazistas se encontravam em escombros e casas. O foco dos atirados era os engenheiros que realizavam os trabalhos de desobstrução retardando muito os trabalhos que já contava com o mar revolto.

As defesas na costa já não existiam e os poucos fogos do interior era extremamente ineficiente e eficaz. No interior não existiam blindados e sequer alguma aeronave da Luftwaffe, o que foi costumeiro no Dia D.

O desembarque ocorria de forma organizada e com nenhuma complicação inimiga. Com isso rapidamente uma cabeça de praia foi estabelecida permitindo a chegada da tropa em reserva. A muralha em Gold pouco retardou os aliados, tendo o único trabalho de abrir algumas passagens para material, armamento, blindados e carga pesados. Em pouco tempo a tropa já se dirigia para o interior com os blindados que desembarcaram tendo na praia, a última posição defensiva a resistir caiu perto das 10 horas.

Conforme Beevor (2010) no interior as tropas que deviam fazer alguma posição estavam em extremo desacerto em suas ordens. Isso por conta da ação da tropa paraquedista e do começo da ação em uma hora antes em Omaha e Utah. Ao interior haviam duas importantes cidades de Crepon e Bayeux. Bayeux tinha uma importante rodovia que se ligava a Paris o que facilitaria posteriormente um ataque direto as forças nazistas na França.

Com baixas mínimas e com pouca dificuldade Gold se firmava uma nova posição aliada. À noite, quando se estacionaram as tropas, toda a divisão já se encontrava a 10 quilômetros no interior. Já tinha sido feita a ligação das tropas com os canadenses em Juno e estavam no controle de Bayeux.

2.6.6 Sword

Coube a 3ª Divisão de Infantaria Britânica o desembarque no setor denominado Sword. A extensão total da praia era 8 quilômetros e se localizava mais ao leste da ação aliada no desembarque. Um outro aspecto importante é que Sword se localizava próximo a cidade de Caen que era um importante ponto estratégico.

Conforme dito por Ambrose (2009) para defender a posição as defesas de Sword eram compostas principalmente de canhões 155mm e 88mm sendo estes localizados no interior do território. Além dos obstáculos marítimos habituais, na praia existiam alguns fossos anticarro e metralhadoras entrincheiradas e em casamatas. Grandes blocos de concreto fechavam as ruas para o interior, além da habitual muralha na costa (está não estava construída com grande complexidade).

Sword se dividia em 3 setores e estes seriam abordados primeiramente pela infantaria a pé, por blindados e carros de combate com maior poder de fogo. Posteriormente viriam mais blindados e tropas de comandos, juntamente com militares engenharia marítima e de combate. Por conta dos canhões e metralhadoras, pesadas baixas foram infligidas a primeira leva que necessitou dos canhões de seus carros de combate para permitir a travessia da praia e chegar a posições cobertas nas dunas.

As tropas em Sword utilizaram de granadas fumígenas dificultando a ação da artilharia e morteiros na praia (por conta da correção do arrebentamento dos projetis). Outro aspecto bastante característico a ação na praia foi o emprego de tropa comandos, que possuía grande adestramento e treinamento.

Conforme Ambrose (2009), apesar das ações da 3ª Divisão foi complicado avançar para o interior no território controlado pelo exército nazista. O retardo desse avanço impediu a junção com as tropas canadenses em Juno, o que possibilitou a maior ação de contra-ataque durante o Dia D. Entre as praias de Sword e Juno se localizava 192º Regimento Panzer granadeiro. Esse regimento avançou até a praia e ainda contava com a possível chegada do 22º Regimento Panzer que possuía cerca de 90 carros de combate. Contudo a falta de apoio aéreo e organização entre as tropas, fez com que o 22º Regimento sofresse com os caças P-51 Mustang e P-47 ThunderBolt. Estes caças possuíam pesado poder de fogo e causaram grandes baixas aos blindados do 22º Regimento Panzer, rechaçando o principal contra-ataque no desembarque aliado.

Conforme Ambrose (2009) ao final do dia 6 de junho toda a 3ª Divisão já havia desembarcado com cerca de 30.000 homens. Apesar das 800 baixas, conseguiram ao final da tarde adentrar no território e desobstruir o fluxo na praia.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando de meios já publicados para alcançar os objetivos do trabalho.

3.2 DADOS OBTIDOS

Situação geral da Alemanha previamente a Segunda Guerra Mundial, sanções pós Primeira Guerra Mundial e a ascensão de Hitler. O desgaste do Exército Alemão em suas frentes de batalha e os principais conflitos que contribuíram para tal. Os beligerantes do desembarque com enfoque na constituição das tropas, na defesa alemã (Muralha do Atlântico) e na formação das tropas do Exército Aliado. A ação da tropa paraquedista no Dia D e o desembarque da tropa nos cinco setores determinados.

3.3 MÉTODOS

Através de obras literárias já publicadas e relatos históricos, serão utilizados como embasamento teórico para a pesquisa. Após análise em diferentes obras, com o cunho de filtrar o que é importante e objeto de análise da pesquisa. Por meio destas obras foi possível condensar os objetivos pesquisados.

3.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Com a utilização dos meios supracitados e após a análise do conteúdo constante em cada um destes meios, será dada a materialização da escrituração dos objetivos inerentes a pesquisa.

3.5 LIMITES DA PESQUISA

A pesquisa se limita nos elementos bibliográficos e documentos existentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim do dia 6 de junho os aliados dominavam a costa da Normandia, muito por conta das falhas cometidas no planejamento e preparo das defesas nazistas. Apesar das brechas que ainda existiam entre as praias (ainda não tinham feito a ligação entre as tropas), não ofereciam ameaça muito por conta da ineficiência alemã na costa.

Diversos aspectos e erros culminaram no fracasso da Alemanha nazista sendo o primeiro destes a muralha do atlântico. A muralha do atlântico provou ser ineficiente pelo pouco tempo que conseguiu reter os aliados em praia. Somente em Omaha a muralha conseguiu retardar o movimento em menos de um dia, tendo os aliados penetrado somente 3 quilômetros no interior. Nas demais praias os aliados se infiltraram cerca de 10 quilômetros. O que levou cerca de 4 anos e muito em recurso para ser construído retardou com exceção de Omaha, em no máximo uma hora para ser atravessada nas demais praias. Além desse aspecto, a utilização dos batalhões Ost e prisioneiros para ocupar muitas das posições na muralha foi

um outro fator determinante. Eram tropas pouco obstinadas e muito pouco adestradas tendo grande parte se rendido sem oferecer resistência.

Outro aspecto a ser observado seria a indecisão do alto escalão em decidir qual linha de ação seria mais eficiente para rechaçar um possível desembarque conforme nos apresenta Ambrose:

Os erros aliados empalidecem ao lado dos cometidos pelos alemães. Ao tentarem defender-se em toda parte, eles foram incapazes de defender-se em parte alguma. Sua estrutura de comando foi um estorvo em vez de uma ajuda. A ideia de Rommel de deter a invasão na praia, contra a ideia de Rundstedt contra-atacar no interior, contra a solução mista de Hitler entre as duas, impediu uma utilização eficaz do seu potencial. (AMBROSE, 2009, p.707)

O que poderia ter causando um grande impacto mesmo com o fracasso da muralha era a Luftwaffe que foi inexistente no dia 6 de junho. Apenas poucos caças de reconhecimento sobrevoaram a Normandia no dia do desembarque isso por diversos problemas. O que poderia ter mudado o protagonismo no desembarque, com um ataque de caças e a utilização dos pesados bombardeios as praias não foi realizado por conta de problemas tático logísticos. O grande número de embarcações e tropas seriam alvos fáceis muito por conta dos já experientes e adestrados pilotos nazistas.

Outro grande fator foi o aspecto ideológico do Exército Nazista. Com a ocupação de diversos países não conseguiu fundamentar e fomentar a população por seus ideais. Isso foi principalmente visto na França. Com os movimentos internos que realizavam ações de sabotagem em fábricas, tropas e principalmente linha de suprimentos a Alemanha deixou de aproveitar um grande potencial na França.

O alto comando do Exército Alemão considerou a princípio o desembarque na Normandia uma ação secundária, pois o ataque principal viria em Passo de Calais. Com isso a organização de um rápido contra-ataque não foi possível facilitando a ação das tropas aliadas na Normandia. Isso foi perceptível pois os aliados em um primeiro dia conseguiram adentrar ao território e não encontraram grande resistência, caso tenham encontrado.

O grande erro estratégico foi a opção por uma defesa estática que provou ser extremamente ineficiente. Apesar dos erros aliados, os erros do Exército Alemão foram extremamente custosos em um desembarque de tamanha magnitude. O que poderia ter impedido a abertura de mais uma frente de batalha para Hitler foi em vão, por diversas escolhas estratégicas e táticas erradas.

REFERÊNCIAS

BEEVOR, A. **Dia D:** a batalha pela Normandia. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2010.

AMBROSE, E. S. **O Dia D:** 6 de junho de 1944 A batalha culminante da Segunda Grande Guerra. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2009.

GILBERT, M. **A Segunda Guerra Mundial:** os 2.174 dias que mudaram o mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial, 2014.

MASSON, P. **A Segunda Guerra Mundial:** História e Estratégias. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

WILLIAM, C. **Enemy at the Gates: the Battle for Stalingrad**. Nova Iorque: Ed. Penguin Book, 1973.

HASTINGS, M. **Inferno: O mundo em guerra 1939-1945**. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2011.

EVANS, A. J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Ed. Planeta, 2003